

OS VIESES CURRICULARES

Eleusa Spagnuolo Souza¹

RESUMO

O nosso trabalho possui cinco vieses e uma conclusão. No primeiro viés mostramos o currículo no século XIX exigindo a personificação das virtudes e valores da sociedade. No século XX a escola passou a ser medida de acordo com o mundo fabril. O aluno tornou-se a matéria prima a partir do qual a escola-fábrica devia moldar o docente e discente. Diante do avanço do currículo neoliberal surge o neoconservadorismo curricular visando à volta do currículo que predominou durante o século XIX. O quarto viés é o currículo social defendido por Arroyo, realçando que o foco deve ser o aluno e não a disciplina. A preocupação maior está em perceber a turma, em perceber os alunos e orientar as ações pelas carências dos discentes que eles me trazem diariamente. O conhecimento, acumulado sobre docentes e discentes, devem ser incorporados aos currículos, contribuindo para visões mais realistas, base para outros relacionamentos mais humanos. O quinto viés emerge com as ideias de Doll propondo um currículo e logicamente uma escola totalmente aberta, deixando que cada pessoa se construa a si mesma, cada ser humano tenha condições de se elaborar, fazendo surgir às escolas e faculdades abertas. Concluímos o nosso trabalho mostrando que atualmente a concepção predominante no mundo acadêmico é a atitude autoreferencial oferecendo liberdade aos docentes e discentes de se construírem visando à ampliação da consciência.

Palavras- Chave: Vieses curriculares. Neoconservadorismo. Docentes. Discentes.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade de Brasília UnB. Brasília/DF. E-mail:eleusaspagnuolo@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

No primeiro viés mostramos o currículo no século XIX exigindo a personificação das virtudes e valores da sociedade, e imposição de severa disciplina aos desordeiros. O objetivo da escola era o refinamento através dos valores morais. No século XX (segundo viés) a escola passou a ser medida de acordo com o mundo fabril. O aluno tornou-se a matéria prima a partir do qual a escola-fábrica devia moldar um produto desenhado para as especificações das convenções sociais. O modelo fabril do desenvolvimento curricular enfatizou a técnica ou racionalidade que se centra (na eficiência e previsibilidade. Diante do avanço do currículo neoliberal surge o neoconservadorismo curricular (terceiro viés) visando à volta do currículo que predominou durante o século XIX. Extrapolando os currículos moralizantes e o currículo fabril surge o currículo social defendido por Arroyo (quarto viés), realçando que o foco deve ser o aluno e não a disciplina. O foco não é mais a matemática, antes era a matemática. O foco deve sair da disciplina e centrar no discente. A preocupação maior está em perceber a turma, em perceber os alunos e orientar as ações pelas carências dos discentes que eles me trazem diariamente. Somos obrigados a ver as crianças e os adolescentes, os jovens e adultos com quem convivemos nas salas de aula como humanos plenos, em processos de formação na totalidade de potencialidades humanas. A reprovação exige ser superada por ser antiético reprovar, inferiorizar e destruir todas as potencialidades do discente. O conhecimento, acumulado sobre docentes e discentes, devem ser incorporados aos currículos, contribuindo para visões mais realistas, base para outros relacionamentos mais humanos. Reconhecemos que o currículo conservador, fabril (neoliberal) atrelado ao mercado é totalmente nocivo e robotizante para mestres e alunos. Reconhecemos o valor do currículo social que está relacionado com a elaboração de um conhecimento real sobre a sociedade Não podemos esquecer que atualmente, grande parte dos participantes dentro da sala de aula são formatados pela cultura líquida e diante da referida cultura os currículos conservadores, neoliberal e social são inoperantes, pois os docentes e discentes estão inseridos na cultura que denomino de virtual. Analisando a nova condição social (cultura líquida) vamos encontrar em Doll (2002) uma nova abordagem curricular harmônica com a cultura social vigente, propondo um currículo e logicamente um escola totalmente aberta, deixando que cada pessoa se construa a si mesma, cada ser humano tenha condições de se elaborar, fazendo surgir as escolas e faculdades abertas (quinto viés).

Concluimos o nosso trabalho mostrando que atualmente a concepção predominante no mundo acadêmico é a atitude autoreferencial oferecendo liberdade aos docentes e discentes de se construírem visando à ampliação da consciência. Não existem limites fixos para a ampliação da consciência e quanto maior for à liberdade permitida ao docente e discente, maiores são as possibilidades de transcendermos os limites impostos pelos sistemas.

1 OS VIÉSES CURRICULARES

Beyer (2004) salienta que no centro do sistema educacional americano do século XIX esperava-se que o professor personificasse virtudes e os valores da comunidade, e, ao mesmo tempo, impusesse uma severa disciplina aos desordeiros e pouco inteligentes alunos. O objetivo da escola era o refinamento através de parâmetros sociais e morais impostos à conduta do aluno. A orientação pedagógica dominante apoiava-se na faculdade psicológica e disciplina mental, através da qual a mente tal como os músculos poderiam ser desenvolvidos.

Afirma Beyer (2004) que no início do século XX a escola passou a ser medida de acordo com o mundo fabril. Só assim a eficiência educacional, a standardização e a previsibilidade podiam ser mantidas. Tal como as indústrias requerem precisos cálculos de forma a garantir que os seus produtos estão dentro dos limites aceitáveis, assim também deveria ser a escola. Os resultados particulares do currículo seriam identificados com capacidades e objetivos específicos, pré-especificados aos mínimos detalhes. O aluno tornou-se a matéria prima a partir do qual a escola-fábrica devia moldar um produto desenhado para as especificações das convenções sociais. O que inicialmente era uma direta aplicação dos princípios gerais da gestão tornou-se numa metáfora nuclear na qual reside a teoria curricular moderna das escolas americanas. Através da implantação de uma educação fundamentada nos valores da eficiência, produtividade e gestão científica, os alunos escolarizados em diferentes currículos passaram a adquirir, não só as formas de conhecimento, como também dos hábitos, valores e visão social necessária ao desenvolvimento industrial da sociedade. O discente tornou-se algo a ser moldado e manipulado no seu caminho, para preencher um papel social pré-determinado. A escola, em vez de ser um local para a investigação intelectual, para a exploração da curiosidade, ou para a atividade criativa é retratada como um mecanismo no qual os alunos trabalham passivamente para

alcançarem fins pré-estabelecidos. O modelo fabril do desenvolvimento curricular que emergiu nos primeiros anos do século XX enfatizou a técnica ou racionalidade que se centra na eficiência e previsibilidade. Devia ser eliminado o desejo dos alunos, as crenças, os conhecimentos e a meditação que são pouco científicas e irrelevantes. O professor tornou-se um gestor dos alunos e num supervisor de um processo de produção. Para além do mais, o professor tem disponível uma grande quantidade de informações objetivas e dados (QI e outros testes, como por exemplo, os modelos de assiduidade dos anos anteriores e notas de avaliação, comportamentais) que pode ajudar no processo de encaminhar os alunos para as disciplinas e classes apropriadas.

O professor Beyer (2004) acrescenta que diante da penetração do currículo empresarial dentro das escolas surge um movimento neoconservador propondo a volta do currículo fundamentado na elevação moral e perpetuação dos costumes. Enfatiza Beyer (2004) que Bennet, Finn, Ravitch e Wynne autores neoconservadores, defendem que hoje em dia, nos Estados Unidos faltam valores comuns e standardizados, que a força econômica se dissipou, e que os currículos das escolas dos Estados Unidos não mais apresentam uma busca desinteressada pela verdade. Os professores devem insistir nos domínios do conteúdo e da formação do caráter. Tornou-se responsabilidade dos professores melhorarem as faculdades intelectivas e morais dos alunos através de um currículo que ensina verdades culturais, morais e científicas. Estes investigadores exortam moralmente os alunos e os cidadãos a melhorarem as suas vidas através do trabalho e do dever moral. A tarefa do professor é enfatizar o conteúdo e desenvolver a personalidade do aluno na sala de aula para enfrentar os males da sociedade norte americana. Para conseguir melhorar as capacidades cognitivas e morais dos alunos, os professores necessitam de regressar às características da fundação do currículo. Afirmo que os discentes não sabem mais o que deveriam saber. Acentua Beyer (2004) que o currículo é muitas vezes a preocupação central dos professores, o que os pais esperam que os filhos dominem, e que os membros da comunidade e os políticos prestam atenção quando, por exemplo, se debate o que os alunos podem ou não podem ler, ver e ouvir. Assim sendo, o plano de desenvolvimento curricular é de natureza política.

Analisando as colocações anteriores notamos que no início do século XIX o currículo personificou as virtudes e os valores da comunidade. No início do século XX passou a predominar a eficiência educacional fundamentada no mundo fabril o que gerou o movimento neoconservador visando à volta do currículo anterior baseado em formar o aluno nos limites dos valores culturais.

2 Currículo Na Perspectiva de Arroyo

Acentua Arroyo (2011) que as políticas neoliberais possuem por base o treinamento, o domínio de competências, as avaliações, classificações de alunos e mestres por domínios de resultados limitando o ato de educar com base no currículo fabril. O currículo está atrelado ao desenvolvimento das competências, habilidades demandadas pelo mercado. O mercado passa a definir o que se espera da docência: que seja treinadora eficiente para a empregabilidade dos alunos. Alunos e professores são vistos como mercadoria.

O currículo é definido fora da escola em função do mercado segregado, racistas, segmentado, que reduz o trabalhador a mercadoria descartável, e logicamente os docentes e discentes. O mercado implanta o currículo por competências e de avaliações sistemáticas por resultados, visando a “Qualidade Total”. Currículo elaborado pelo mercado revela movimentos de marcha à ré, freando o movimento para frente que nas últimas décadas luta por reconhecer cada criança/adolescente, jovem e adulto sujeito de direitos, não mercadoria. A visão que envolve habilidades e competências requeridas para se iniciar no mercado, tem sido a mais atraente para o pensamento educacional e para as políticas curriculares.

O currículo que prepara o aluno para o mercado, coloca o docente na condição de aulista, treinador de alunos para bons resultados em avaliações nacionais. Avaliações que agem como imperativos categóricos para reforçar a função de aulistas, repassadores de conteúdos, treinadores de competências que garantam bons resultados dos alunos nas provas de seleção. O discurso do sistema é perverso ao dizer: “tire o seu foco dos alunos, de suas experiências tão preconizadas de viver, esqueça de educá-los e de ser educador. Seja apenas um eficiente transmissor de competências para eficientes resultados nas avaliações. Não se importe com quem chega à sala de aula com seu viver, injusta sobreviver, mas apenas com os resultados das avaliações”.

Os conselhos, os inspetores e os regimentos, as diretrizes e normas obrigam os docentes a respeitarem cargas horárias, hierarquias, sequenciações, linearidades. Dos docentes se exige que preparem suas aulas com esmero, seguindo o ordenamento e a sequenciação de cada conhecimento, a ponto de reprovar, reter o aluno que deixar aprendizados para trás. Os docentes não possuem autonomia para decidir sobre outras soluções mais éticas. Torna-se necessária uma visão crítica dessa ritualização se

pretendemos avançar no direito à autonomia profissional. Para os gestores, ser docente competente é ser fiel aos conteúdos da disciplina, levá-los a sério, ser exigente, cumprir com fidelidade todos os processos e rituais, inclusive o ritual de avaliação, aprovação, reprovação, sacrificando a diversidade de culturas, de vivências, de processos de aprendizagem, quebrando as identidades.

O currículo neoliberal é indiferente ao professor como autor, com o sujeito. O professor desapareceu, não possui existência acumulativa de experiência. Não reconhece a voz do professor, mostrando indiferença com aquele que fala. Indiferença com os mestres que transmitem o conhecimento. Indiferença muito maior para com aqueles que escutam e que aprendem as lições. A ausência do autor da ação educativa mostra que o professor com sua trajetória, seu gênero, classe, raça, pertencimento, identidade e cultura fica de fora. O mesmo acontece com os alunos reais, crianças ou adolescentes, jovens ou adultos; ficam de fora. Um dos lamentáveis efeitos da ausência dos sujeitos na reconstrução de nossa história e nos currículos é negar a centralidade dos seres humanos como sujeitos de história. É negar às crianças e aos adolescentes o direito a saberem-se sujeitos de história.

O discurso na escola e na universidade é sacrificial: sacrificuemos os incompetentes, os indisciplinados, os que nada querem, sejam alunos ou mestres e teremos a qualidade internacional de nosso sistema escolar. A condição para elevar a qualidade será eliminar, reprovar por antecipação o peso morto, os desqualificados. A lógica sacrificial se incrusta na cultura política, na pedagógica e no conjunto das instituições privadas e públicas. A qualidade da escola exige eliminação do peso morto dos que fingem ensinar e aprender.

Em nossa cultura curricular o trabalho é desvalorizado, os direitos do trabalho são negados, os saberes do trabalho não são reconhecidos como saberes legítimos. Os conhecimentos produzidos no trabalho humano não são reconhecidos. Não apenas o trabalho docente, mas todo trabalho humano é visto como insignificante para os ordenamentos curriculares. O trabalho, os trabalhadores, suas organizações, suas lutas por seus direitos e os saberes produzidos, os valores vividos, as culturas enraizadas no trabalho não tem merecido o reconhecimento político nem pedagógico. Suas ausências nos currículos carregam o não reconhecimento do trabalho, incluindo o trabalho docente em nossa sociedade. Carrega a segregação dos próprios coletivos de trabalhadores.

Opondo totalmente ao currículo fabril, Arroyo (2011) defende o currículo social, realçando que o foco deve ser os alunos e não a disciplina. O foco deve sair da disciplina e centrar nos discentes. A preocupação maior está em perceber a turma, em perceber os alunos e orientar as ações pelas carências dos discentes que eles me trazem diariamente. Somos obrigados a ver as crianças e os adolescentes, os jovens e adultos com quem convivemos nas salas de aula como humanos plenos, em processos de formação na totalidade de potencialidades humanas. Devemos perceber que os alunos chegam às salas de aula carregando vidas precarizadas. São ecos de vivências de outros lugares que chegam às salas de aula e nos obrigam a escutá-los, a não abafá-los como nossas lições e nossas didáticas e ameaças de avaliações-reprovações. Conhecer narrativas de vidas de infâncias, adolescências, tão dramáticas e tão preconizadas, será uma forma de conhecer a docência real, o trabalho real. Quando as verdades das disciplinas não coincidem com as verdades do real social, vivido por nós ou pelos alunos, nossas identidades profissionais entram em crise. Como as verdades dos cursos de formação e de educação básica então distante das verdades os mestres estão sempre em crise.

A reprovação exige ser superada por ser antiético reprovar, inferiorizar, destruir identidades, como é antiética a lista de material didático e literário carregada de preconceitos sexistas e racistas.

O conhecimento, acumulado sobre docentes e discentes, deve ser incorporados aos currículos, contribuindo para visões mais realistas, base para outros relacionamentos mais humanos. A riqueza de experiências acumuladas e vividas com tantas tensões não é reconhecida como produtora de conhecimentos profissionais, sociais e políticos dignos de serem ensinados pelos próprios sujeitos coletivos de sua produção, os profissionais da educação. Organizar projetos ou temas de estudo interdisciplinares sobre a história do trabalho, sobre as vivências suas e de parentes, da comunidade, sobre a crise do trabalho, o desemprego, a instabilidade, a precarização do trabalho, as segregações por diferenças de gênero, raça, moradia, campo, periferia, por idade, sobre a exploração do trabalho infantil e adolescente. Destacar as diferenças de acesso e permanência no emprego, as diferenças, desigualdades de salários, de postos entre gêneros, raças, espaços de moradia, idade; trazer estudos que criticam a relação mecânica entre escolarização e empregabilidade; mostrar que, quando mais exigente for o mercado de emprego, mais se desvalorizam os níveis de escolarização que antes garantiam alguma empregabilidade, além de envolver os estudantes na pesquisa dessa

história. Para motivar a educação é simples: trazer as vivências de educandos e educadores, e suas experiências sociais como objetivo de pesquisa, de atenção, de análise e de indagação. Os conceitos abstratos aparecem distantes das vivências concretas, se tornam estranhos, sem motivação. Logo criar estratégias para trazer aos processos de aprendizagem as vivências pessoais e as experiências sociais tão instigantes na dinâmica política, que interrogam seu pensar e seu viver.

Tanto as experiências negativas, de opressão, quanto, sobretudo, as experiências positivas de emancipação de que são atores carregam indagações e significados desestabilizadores para os currículos. Reconhecer a pluralidade de lutas, de esforços dos educandos e de seus coletivos e do movimento docente por uma vida mais justa. Privilegiar a realidade real, vivida pelos educandos, fazendo que entre nas escolas como objeto de estudo, de conhecimento. Trazer a realidade vivenciada por educadores e educandos e por suas comunidades e coletivos carregam mais riqueza para o estudo e maior envolvimento dos atores que a vivem. Há projetos que incorporam as experiências mais complexas, até mais desafiantes e interrogantes vividas desde a infância, com que se debatem à procura de seus significados.

A defesa da escola pública, da universidade pública é uma das bandeiras mais caras à reflexão pedagógica, a outra grande bandeira é a Escola Plural onde procura rearticular as relações entre direito à educação: direito ao trabalho, à terra, ao teto, à moradia, à vida e às identidades de gênero, etnia, raça, classe, geração. A Escola Plural tenta repensar a educação escolar dentro das lutas por direitos. Escola Plural procura abrir às escolas, os currículos, as práticas docentes e gestoras a dinâmica social, tão diversa e tão plural. Logo, ver o direito à educação de forma ampliada, como direito à formação intelectual, cultural, ética, estética, identitária, plena, de sujeitos históricos, na concretude de suas formas de viver. Na Escola Plural o pensamento educacional se alarga.

Reconhecemos que o currículo conservador, fabril (neoliberal) atrelado ao mercado é totalmente nocivo e robotizante para mestres e alunos. Reconhecemos o valor do currículo social que está relacionado com a elaboração de um conhecimento real sobre a sociedade, humanizando docentes e discentes, sendo diametralmente oposto ao currículo neoliberal. Não podemos esquecer que atualmente, grande parte dos participantes dentro da sala de aula são formatados pela cultura líquida.

A cultura líquida, explicada por Bauman (2005) gerou pessoas alienadas; desengajadas; não possuem objetivos delineados por livre escolha; envolvidas com

mudanças sem destino; sem ponto de chegada e sem a previsão de uma missão cumprida. São pessoas com pálida evidência da futilidade, nada nascendo para viver muito; sem autoconfiança; avaliando tudo pelos resultados de bilheteria; não possuem uma identidade própria. Diante do exposto o currículo social e o currículo neoliberal são inoperantes, pois os docentes e discentes estão inseridos na cultura líquida que denomino de virtual. Temos que repensar novamente a escola diante da virtualidade que estamos vivenciando. Não podemos nos basear em antigos problemas vivenciados em outros tempos e atualmente temos uma nova problemática em sala de aula que exige novas soluções. Analisando a nova condição social (cultura líquida) vamos encontrar em Doll (2002) uma nova abordagem curricular harmônica com a cultura social vigente.

3 Currículo Na Perspectiva de Doll

Extrapolando os conceitos existentes sobre currículo Doll (2002) acentua a criatividade e o indeterminismo como base do currículo aberto autoreferencial. Defende uma concepção não-linear, a idéia de auto-organização das experiências, a valorização heurística das metáforas criativas e a aceitação do currículo como um sistema aberto autogenerativo. Diz que a ordem e a estabilidade não são, atualmente, princípios básicos de organização do universo. Assim também a ordem e a estabilidade devem deixar de ser o motor do pensamento e da prática educacional, pois, a matéria e energia podem ser transformadas uma na outra, expandindo-se sem limites as possibilidades de transformações. Para Doll (2002), o discurso passado e recente sobre currículo não prestou atenção à complexidade do pensamento humano, adotando, ao contrário, o paradigma comportamentalista, pelo qual não há divisão entre o homem e o animal. O indivíduo não é importante, o que é importante é a pessoa dentro da estrutura comunal, experiencial e ambiental. O comportamento seria, assim, uma visão holística, ecológica e inter-relacionada, propondo um currículo e logicamente um escola totalmente aberta, deixando que cada pessoa se construa a si mesma, cada ser humano tenha condições de se elaborar. Podemos dizer que as idéias de Doll (2002) se relacionam diretamente com as escolas e faculdades abertas, principalmente com o ensino a distância que tende avançar no século XXI.

CONCLUSÃO

A história da educação nos mostra a passagem por várias concepções ideológicas que influenciaram a montagem dos currículos e atualmente a concepção predominante no mundo acadêmico é a atitude autoreferencial oferecendo liberdade aos docentes e discentes de se construírem visando à ampliação da consciência. Não existem limites fixos para a ampliação da consciência e quanto maior for à liberdade permitida ao docente e discente, maiores são as possibilidades de transcendermos os limites impostos pelos sistemas. O currículo autoreferencial é caracterizado na abertura para a reconstrução, estímulo aos debates, aceitação do diferente, oportunidade de trabalhar significados que não sejam preexistentes e ausência de imposições de verdades pessoais. A educação deve deixar de ser um instrumento condicionante para possibilitar a estrutura natural da consciência reflita todas as suas infinitas potencialidades e através da ampliação da percepção a construção de um novo sujeito. O sujeito se forma na vontade de escapar às forças, às regras, aos poderes que o impedem de ser ele mesmo.

ABSTRACT

Our work has five biases and a conclusion. In the first show bias curriculum in the nineteenth century by requiring the embodiment of the virtues and values of society. In the twentieth century the school came to be measured in accordance with the manufacturing world. The student became the raw material from which the school should shape the factory staff and students. Before the advancing neoliberal curriculum arises neoconservatism curriculum aimed around the curriculum that prevailed during the nineteenth century. The fourth bias is the social curriculum advocated by Arroyo, stressing that the focus should be the student and not the discipline. The major concern is to perceive the class to realize the students and guide actions by the needs of students that they bring me daily. The knowledge accumulated on teachers and students, should be incorporated into curricula, contributing to visions more realistic basis for most other human relationships. The fifth bias emerges with the ideas of Doll proposing a curriculum and a school logically fully open, allowing each person to build itself, every human being is able to elaborate, giving rise to schools and colleges open. We conclude our work showing that currently prevailing conception in the academic world is the self-referential attitude offering freedom to the teachers and students to build aiming to increase awareness.

Keywords: Biases curriculum. Neoconservatism. Teachers. Students.

REFERÊNCIA

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEYER, Landon. **Direções do currículo: as realidades e as possibilidades dos conflitos políticos, morais e sociais**. Disponível em < www.Curriculosemfronteiras.org/vol4iss1articles/beyer 2004 > Acesso em 20 de Outubro 2011.

DOLL, Willian. **Currículo uma perspectiva pós-moderna**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.